

MATERNIDADES E INFÂNCIA NA ASSISTÊNCIA SOCIAL: DO ESTIGMA AO ACOLHIMENTO

Luana C. Flores¹.

¹ Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina

luanacflores@gmail.com

Propósito

A partir do referencial teórico da psicanálise e da experiência profissional em políticas públicas no campo da assistência social, será realizada uma reflexão sobre a importância da escuta sensível na prática de acolhimento familiar com mulheres e crianças em um equipamento de média complexidade, localizado no município de Gravataí/RS. Dialogo com ideias de autores como Sandor Ferenczi, para pensar aspectos da escuta enquanto testemunho em situações de violência, e com a autora Lélia González, para pensar aspectos interseccionais (classe, gênero e cor) que impactam sobre o estigma enfrentado por mulheres em situação de vulnerabilidade social. Utilizarei também, para esta análise, a concepção de maternidade enquanto dispositivo que se atualiza ao longo dos séculos. Os acontecimentos dentro do espaço grupal, com oficinas e atividades lúdicas envolvendo as famílias, aparecem como resposta à estigmatização enfrentada por elas e são estratégias de políticas de inclusão e emancipação coletiva, tendo como objetivo a proteção e o fortalecimento de vínculos familiares.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa intervenção com relato de experiência da autora, a partir da intervenção prática de acolhimento grupal com mulheres e seus filhos, famílias usuárias do equipamento CREAS (Centro de Referência Especializado em Assistência Social) de Gravataí e incluídas no programa PAEFI, em 2019, por situações de violação de direitos. O objetivo desta pesquisa-intervenção se deu através da questão: **Qual a importância da escuta sensível no acolhimento familiar para proteção familiar?**

Revisão da literatura

*Quando, seu moço, nasceu meu rebento
Não era o momento dele rebentar
Já foi nascendo com cara de fome
E eu não tinha nem nome prá lhe dar*

(Chico Buarque)

Início a escrita invocando um trecho de Chico Buarque, a fim de refletir sobre as situações de desamparo social que acometem famílias em situação de violação de direitos e inseridas nas políticas da assistência social. Neste trabalho, a maternidade é compreendida como um *dispositivo* que se configura como uma rede de elementos, práxis e discursos (Foucault, 1982). Entende-se a importância de refletir sobre o lugar que a maternidade ocupa no contexto histórico e social e as intersecções que atravessam essas famílias como um ponto de partida importante para a efetivação de políticas públicas na assistência social.

A experiência narrada pela autora conta como, enquanto educadora social e psicóloga, vivenciou as intervenções grupais realizadas com famílias em situação de violência intrafamiliar e institucional. Nestes encontros, foi possível testemunhar narrativas que configuram sentimentos de culpa, vergonha e medo a partir da escuta de mães, crianças e adolescentes, ora acusados de serem responsáveis pelas violências, ora vítimas de violências intrafamiliares.

Os encontros ocorreram no ano de 2019, e inicialmente eram realizados com homens e mulheres, responsáveis e acusados pela violência contra crianças e adolescentes. Com o passar do tempo, a equipe responsável pelo PAEFI (Programa de atendimento CREAS (Centro de referência especializado da assistência social) - Gravataí/RS, percebeu que havia

um mal-estar, com situações de esvaziamento grupal ou silêncio durante os encontros. A partir do momento em que propomos às famílias, encontros grupais de acolhimento com mulheres (mães, tias, avós) responsáveis pelas crianças, foram surgindo situações de violência contra as mulheres, as quais não apareciam no formato do grupo anterior. Os atendimentos aos homens continuaram ocorrendo, porém por se configurarem público menor de “acusados”, estes eram realizados de forma individual.

O conceito de família foi se atualizando com a passagem dos séculos, e pode ser compreendido através de diversas perspectivas, não somente nucleares (pai, mãe e filhos). As famílias chefiadas por mulheres, que em 2000 era de 22,2%, aumentaram em 2010 para 37,3% (conforme dados do IBGE).

Historicamente, é importante refletir sobre como as mães concebiam os cuidados com sua prole na Europa do século XVII, sendo terceirizados para amas de leite. Conforme destaca a autora Badinter (1985), “O cuidado dos filhos das mulheres da corte passava a ser exercido por mulheres escravizadas, nomeadas como ‘amas de leite’, sendo que esta tarefa de cuidado das crianças era considerada uma atividade não virtuosa pelas mães da alta sociedade”. Desde o período colonial, nota-se a diferença da preocupação destinada à maternidade conforme a classe social, cor, etnia e o lugar que a mulher ocupava na sociedade.

González (1984) situa o racismo e a superexploração que a mulher negra sofre no Brasil, sendo tratada como objeto e não sujeito, e desqualificada de seu lugar de fala. Aspectos interseccionais, como as condições de violência institucional, falta de recursos básicos de sobrevivência e violência intergeracional, também são aspectos a serem considerados na escuta de mães acusadas de violência (Fernandes, 2018).

O CREAS constitui-se enquanto um equipamento estatal, com serviços especializados e continuados os quais prestam acompanhamento à indivíduos e família com seus direitos violados, promovendo integração dos usuários, a partir de processos de trabalhos realizados por profissionais capazes de ofertar espaços de escuta de modo individual e grupal (GUIA-CREAS, 2005). A NOB-RH SUAS (2011), prevê que a garantia da qualidade da proteção aos usuários do SUAS pressupõe a presença de profissionais capazes de dar respostas tecnicamente qualificadas e eticamente responsáveis.

Uma questão levantada pela autora junto à equipe técnica, na época em que ocorriam

os acolhimentos familiares no CREAS, diz respeito à falta de espaços de intervenção às crianças e adolescentes. Enquanto aguardavam pelos atendimentos dirigidos aos responsáveis, em sua maioria mulheres mães, as crianças costumavam ficar na recepção aos cuidados de técnicos administrativos, sem espaço lúdico ou de escuta efetiva.

Ferenczi em "Reflexões sobre o trauma" (1934), assinala os efeitos do choque traumático do sentimento de si, abandono de si sem resistência como defesa extrema. Segundo o mesmo, o sujeito experimenta um sentimento de irrealidade e ruptura do eu. O autor coloca o ambiente e a capacidade de reconhecimento do trauma como essenciais para a construção de narrativas.. É a partir da presença sensível de quem escuta a pessoa em situação de violência, que possibilita que a confiança e a esperança se constituam (Kupermann, 2008).

Com o intuito de dar passagem a estas intensidades vividas no espaço grupal, pretende-se a reflexão para a emergência de novos sentidos e linhas de fuga que escapem aos discursos hegemônicos sobre a maternidade no contexto da assistência social, considerando a intervenção de escuta sensível como potencializadora para a construção de narrativas singulares e o fortalecimento de vínculos familiares.

Procedimentos metodológicos

Os encontros foram realizados dentro do equipamento CREAS - Gravataí/RS, com mulheres acima de 18 anos, crianças e adolescentes. O recorte da experiência narrada se dá a partir da escrita em diário de campo da autora, onde foi possível acompanhar as intervenções realizadas com o grupo de mulheres e crianças. Em março de 2019 iniciou-se junto aos estagiários de psicologia do CREAS, atividades lúdicas entre as mulheres e crianças, onde foi possível que as mães relembressem as vivências de suas infâncias e ensinassem brincadeiras antigas aos seus filhos. A construção de memória se apresenta como via de historicizar os eventos traumáticos e direcioná-los para construção de narrativas possíveis. Lélia Gonzalez (1984) em seu texto "Racismo e sexismo na cultura brasileira", refere que a consciência exclui o que a memória inclui, compreendendo a consciência como um lugar do esquecimento, encobrimento e alienação e a memória como um lugar de emergências da verdade, o lugar do não-saber, de inscrições que escrevem a história que não foi contada.

Resultados

Ao longo dos encontros, a equipe foi percebendo que as mulheres e crianças que antes participavam dos atendimentos especialmente a fim de cumprir determinação judicial, passaram a ser reconhecidas como integrantes do grupo e construíram uma rede de cuidados entre si, inclusive marcando encontros e fazendo um grupo de *whatsapp*, o qual não incluía a equipe do CREAS.



Figura 1: Atividade entre mães e crianças



Figura 2: Oficina de Abayomi



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE
MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

Implicações da pesquisa

Com esta pesquisa, pretende-se salientar a importância da adequação do ambiente, a nível físico e simbólico, para o acompanhamento das famílias em situação de violação de direitos, a partir de uma escuta implicada e sensível, que reconheça as potencialidades dos sujeitos e aposte no fortalecimento de vínculos, como estratégia de superação da situação de risco familiar.

REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. (1985). *Um Amor Conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Foucault, M. (1982). **Microfísica do poder** (3ª ed.). Rio de Janeiro: Graal.
Organização e introdução de Roberto Machado.

Ferenczi, S. (1992). *Confusão de língua entre os adultos e a criança: Reflexões sobre o trauma*. In **Obras completas: Psicanálise IV** (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Fernandes, C. (2018). *Mães nervosas: Um ensaio sobre a raiva entre mulheres populares*. In **Pesquisas sobre família e infância no mundo contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina.

Gonzalez, L. (1984). *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. **Revista Ciências Sociais Hoje*, 2*(1), 223-244.

Kupermann, D. (2008). **Presença sensível, cuidado e criação na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2005). **Guia de orientação nº 1: Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS**. Brasília, DF: AutorSecretaria Nacional de Assistência Social. (2011). **NOB-RH Anotada e Comentada**. Brasília, DF: MDS.